

A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS
Rua da Rainha, 123

Responsavel
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 7 DE ABRIL DE 1901

O GRANDE JUSTO

Por fim, o mundo antigo era mais uma jaula do que uma sociedade. Uma fracção exigua de mimosos da boa fortuna, exercitava um dominio absoluto, abusivo, cruel, enquanto a lugente turba innumera vivia na dôr aspera e morria na cruz negra do infortunio omnimodo. Para aquelle rebanho humano não havia patria, nem lar, nem templo! Não tinha amor no coração gelado, nem luz no pensamento escuro e morto, nem voz livre para gritar a amargura da sua desgraça!

Não, nada em volta, que radiasse uma luzerna de esperança!

Reinava torva a iniquidade!

Era tumultada a grande alma humana que Deus fizera á sua imagem!

Mas veio Jesus, tomou o latego de fogo da immaculada justiça, prégonou a maior revolução de memoria dehomens, escorraçou a alcatéia nefanda das mil infamias que bebiam o sangue da sociedade.

A voz do Grande Justo soava como synthese do queixume magoado da multidão esmagada. Era o brado de mi-

lhões e milhões de infelizes, era o rugido da desdita resfolegando emfim!

Oh! bemvinda, bemvinda fosse ella a justiça celeste, a justiça abençoada, que decretava o amor como base da religião e que dizia os homens todos eguaes, irmãos e livres. Bemvinda essa justiça social que decretava o direito do pobre ao oiro do argentario, o direito santo de ter pão e lar, carinhos e vida!

O Grande Justo teve o patibulo como preu io do seu apostolado inaudito, mas a humanidade soergueu-se da tumba da degradação em que jazia e sentiu-se redimida para uma vida estrellada de esperanças e a ruina da sinistra torre babelica da iniquidade principiou.

Todavia, volvidas já dezenove centurias sobre a inauguração da justiça, não está ainda, de todo, por terra a muralha maldita da oppressão: teimam de pé alguns reductos da velha fortaleza do mal.

Façamos votos por que o seculo novo, nascido das fulgurancias do decimo nono, haja de coroar a obra divina do Grande Justo, lançando na fogueira ardente da indignação publica os ultimos retalhos da infamia, para que os homens possam ser quaes os quer Jesus: *livres irmãos e eguaes.*

POLYBIO.

No verso de um retrato



OFF. AQUELLE QUE É
Thine evermore whilst this machine is to him.
(Hamlet).

Horas que passam depressa
 Que mal se sentem passar,
 Mil juras que se repetem
 Para um dia se quebrar,
 Mil abraços e mil beijos
 Que não conseguem cançar,
 Meu retrato, meu retrato
 Não os podes recordar...
 E em memoria d'esses beijos,
 D'essas horas a voar,
 D'essas juras e protestos,
 E' que te vou offertar,

Dize, dize meu retrato
 O muito que eu sei amar,
 Ouve o que ella te disse
 Para depois m'o contar...
 Mas não podes repetir
 Não tens bocca pra fallar,
 Desgraça! não tens ouvidos
 Para poder escutar!...
 Olha, olha meu retrato
 Se ella me quer enganar...
 Ai, mas tu não podes ver
 Não tens olhos para olhar!
 Aperta-a bem nos teus braços,
 Como eu a sei apertar...
 Ai, tu não podes fazel-o
 Não tens braços pra abraçar!

Meu retrato de que serves
 Se não tens com que fallar,
 Não tens bocca pra sorrir,
 Nem labios para beijar,
 Nem ouvidos para ouvir,
 Nem braços para abraçar,
 Nem olhos que saibam vel-a
 Olhos que saibam chorar?...

Mas diria o meu retrato
 Se elle podesse fallar:
 «Heide ser seu companheiro,
 «Heide-a sempre acompanhar
 «E sempre que para mim
 «Ella se ponha a olhar
 «A ti proprio ella ha-de ver
 «A ti proprio hade fitar.
 «Heide de leve sorrir
 «Se ella estiver a cantar,
 «Heide ficar muito triste
 «Se ella estiver a chorar,
 «Que um retrato que é querido
 «Pode-se sempre egualar
 «Com o riso e a tristeza
 «De quem o sabe estimar...»

Gyimarães, março de 1901.

JOÃO DE MEIRA.

JUNTO AO TUMULO DE AFFONSO HENRIQUES

(Continuação)

Caspité! era tempo. O comboio ia partir
 e a ouda não diminuia; reforçava-se. Um inferno,

—«O' chefe, metta uma carruagem».
 —«Isto não é carruagem, é uma gaiola».
 —«Vou reclamar da direcção».

A estudantada ia para ferias, E eu pondo
 o pé no estribo, sentia-me feliz, como a cabo
 de uma batalha o general vencedor.

—«Tens companhia, donzel.»

Conhee! aquella voz cava. Nem ali Afonso
 Henriques me largaria? Era meu fado
 aturar o velho rei? Amaldiçoei a tarde de outo-
 tóuo, em que, a primeira vez, o invocára,
 amaldiçoei o comboio, a estação, as ferias.

E, sem dar attenção ao massador, metti-
 me na carruagem.

Qual! Em frente, muito assentado, Afonso
 Henriques descompunha-me.

—«Raro condão de mortos é...»

—«O massar-nos? interrompi ainda zangado».

—«Não. O de deitarmos a menor valia
 vossos pleitos e zangas.»

—«Mas eu vou-me para Guimarães».

—«Acompanhar-vos-hei, Apraz-me visitar
 a que foi meu berço e capital do meu emporio.»

—«Supponde, porem...»

—«Descansa—os mortos não temem.»

Trajava no requinte da elegancia.

Botas de polimento, fato, um ponco es-
 curo, bem talhado, uns collarinhos gigantes-
 eos, monoculo, laço claro, boas luvas de ca-
 murça, um enorme vara-larga, bengalinha.

—«Queres fumar?»

—«Aceito.»

Puxou d'uma cigarreira de prata; com
 lavrados.

—«Egypcias».

—«E' muito forte, Real Senhor».

—«Mas é caro.»

—«Sendo vós, intrepido varão, homem
 de tal fortaleza, como a historia diz, espanta-
 me que procurasseis o aconchego d'esta car-
 ruagem, regeitando a dureza da 3.^a classe».

—«Ah! Ah! No meu tempo era um va-
 lente, hoje serci um elegante. Demais esta
 traquitana, que o progress inventou, é-me
 agradável e desagradavel. Apraz-me a velo-
 cidade, desgosta-me a sensaboria dos solavan-
 cos, da má lingua da raté, que vai na 3.^a, e
 a quem os empregados tratam com menos cor-
 tezia.»

—«Essa será, talvez, a principal causa
 da vossa optação.»

—«Sim. Como rei gosto de bom trata-
 mento, de delicadeza.»

Paramos.

—«Estação Velha.»

O comboio de Lisboa não demorára.

A inferneira rebentou. Mil mãos abriam portinholas, fechavam portinholas.

- «Leva-me estas malas.»
- «Pois não, Magestade.»
- «Subamos para esta. Vai quasi vasia.»

Pouco tempo depois eu dormia, entrementes Affonso Henriques me narrava, com nitidez, a tomada de Santarem. O somno ponde em mim mais que a perlonga do velho cadaver.

- Oh! amigo, onde estamos nós?»
- «Que lá?»
- «Onde estamos?»
- «Em Villa-Nova de Gaya.»
- «Ainda leva muito tempo?»
- «Depois d'esta estação temos o Porto.»

«Almoçaremos ahí e seguiremos. Vai massado?»

- «Um porco. Doem-me os pés.»
- «Os polimentos de hoje não são, todavia, egualaveis...»
- «Porque vai isto agora tam vagarosamente?»

— «Atravessamos a ponte.»

— «O que?»

E espreitou.

— «Ai!»

— «Que tendes?»

— «E se nós descarrilamos, se nós vamos ao rio?»

E tremia todo num tremor convulso, agitado, a caveira contrahida, os ossos batendo.

Almoçamos no Porto.

— «Estas comidas sam appetitosas... em verdade.»

— «O progresso alcançou modificar a propria cosinha.»

— «Qual progresso, nem qual diabo.»

Hoje o que vos apoquentá é o bem-passar. Mouros e herejes não vos affligem, atormentam-vos o luxo, o aconchego, os estofos, a culinaria.»

— «Os tempos mudam.»

— «Os tempos e os estomagos.»

E, até Guimarães, o regio companheiro palrou de suas aventuras, de suas guerras, do Conde de Trava, de Egas Moniz, com uma verbosidade chistosa.

— «Mas isto não é um comboio é um carro de bois... disse elle ao entrar a locomotiva em marcha, quando partimos da Trófa.»

— «Não é um carro de bois é o Velloso.»

— «Ah! é um Velloso sem velocidade?!»

— «Covas!»

— «Não as vejo, ó vassallo?»

— «Peça Vossa Magestade um café.»

— «Café, ó patrão.»

— «Vá para...»

— «Lá isso é verdade, retrucou elle á malcredeza do chefe. Esta gente sabe a minha historia?»

— «E quem a ignora, D. Affonso?»

— «Muita honra para mim é esse.»

— «Para nós, ali z.»

— «Guarda os galanteios.»

— «Agradecido. E' a verdade.»

— «Calle-se.»

— «Longe de mim o molestar-vos.»

— «Calla-se ou não?»

— «Explicava-me.»

— «Já lhe disse que se callasse, seu saraceno. Oigo tanta bulha no burgo.»

— «Hoje é dia de feira.»

Estamos em Guimarães. El-Rei entregou as malléas a um rapaz.

— «Vamos ao Castello.»

— «Eucareço de ir visitar os meus.»

— «Primeiro eu.»

E lá tive de o acompanhar até ao Castello. Pelo caminho não se furtou a considerações de toda a monta, demonstrando ser um analysta profundo e consciencioso, um critico acabado.

Decidiu hospedar-se em minha casa, não obstante eu lhe recommendar varios hoteis da cidade.

Ao chegarmos ao campo do Conde D. Henrique é que foram ellas.

— «Então isto é mercado de animaes, seu perro sem gorjal?»

E começou de correr á bengalada os porcos, os bois, os laviadores, as doceiras.

Um camponio puxou do varapau.

— «Oh! seu fidalgote.»

— «Fidalgo, aliaz...»

E, se eu não intervinha, o rei ficava sem ossos.

— «Pois se é doido que vá para Rilhafolles.»

— «Rilhe você ossos, seu villão.»

Guimarães, 1-4-1904.

E. d'A. J.

LUCE!

Que tédio tam profundo! em nada me distraio!
Tudo tem para mim a mesma cor sombria!
Ou o clarão do Sol ou a colera do Raio;
Ou um hymno d'Amor, uma triste elegia!

Tudo o que eu vejo e sinto me aborrece! tudo!
Fumo de mais e fico oh! dôr no mesmo estado;
Se me embriago, caio em convulsões e mudo,
Apaga-se-me a luz no olhar hallucinado!

Passo horas a fitar a luz do candieiro
Onde cai desvairada ingenua borboleta;
E eu então quero ser o meu proprio cozeiro
Que me fosse enterrar n'essa chamma inquieta.

O' Chamma! O' Sepultura d'Almas desvairadas,
D'Almas cegas de Luz e de clarões d'Aurora,
Vê se podex saccar as lagrymas geladas
Que por causa d'Alguem minha Alma tanto chóra!!!

Branca chamma de luz! arreola dos santos!
C'róa que alguear pregou na fronte de Jesus!
Tu que fazes viver abyssos e encantos
Que moves coisas mortas, tu chamma de luz!

Alma forte do Sol em clarões d'Alvorada!
Crystalizado uivar da colera do raio!
Mãe que geras a côr da Lua immaculada!
Luz que fazes viver t'ê ua rosto em desmaio!

Rubro facho que saís do seio d'um vulcão!
O' ser de quem se diz: —se podes Homem entende-o!
Alma, prenuncio vil do fogo da paixão,
Que despertas feroz n'um impeto d'incendio!

Chamma de luz que adoro e ao mesmo tempo odeio,
Faz d'este meu olhar a ingenua borboleta;
Faz que elle vá cahir, inerte no teu seio,
E sepulta-o de vez em tua campã secreta!

Chamma de luz não vês? eu fito-te sereno;
Cravo em ti meu olhar e fico-me a pensar;
Acaso não serás o salvador veneno
Que mais tarde ou mais cedo m'hade aniquilar? !...

Soffres acaso, ó chamma, a mesma dôr que a minha,
De modo a não poder's amar miuha papilla?
Não serve a mesma força que a tua alma tinha
Ao vêr a borboleta e poder attrahi-l'a?

Offusca e cega, ó Luz, o meu olhar de Louco!
Que eu não te possa olhar! nem mesmo comprehender!
Vai-me cegando, vai, ó Luz, a pouco e pouco,
Que eu não podendo olhar não posso aqui viver. . .

E morro então em ti, ó Luz, que me attraiste,
Cego no teu olhar! morto nos teus clarões. . .
E has-de ver, has-de vêr minha Agonia triste
Abranger-te, adorar-te em negras convulsões!!!

Coimbra, 20—2—901.

ALFREDO PIMENTA.

Resposta a uma carta do Padre José d'Araujo

Amigo dilecto:

A sua carta de felicitação por aquellas ultimas palavras do meu artigo *Sonho e realidade*, publicado em o n.º 23 d'A Memoria, trouxe ao meu espirito uma alegria doce e bemfazeja.

Sou feliz!

Esta exclamação, que me rebentou do peito em um transporte jubiloso do contentamento puro e sosegado, foi gravar-se no seu coração amigo e doirar-lhe de consoladora claridade a alma bondosa e crente.

Ao ler a sua carta senti uma ancia ardente, um nervosismo caloroso. Fiquei electrizado, na sensação vehemente de affectos saudosos.

E' que a sua carta trouxe-me a evocação de coisas vagas e distantes, de sonhos apagados, de illusões mortas.

Nas cordas passionaes do meu ser vibraram recordações de venturas cariciosas e de amarissimos descnganos.

Passaram-me na imaginação brancos espectros, em sarcasticas gargalhadas, envolvidos na luz pallida de fogos-fatuos.

A minha alma parou, em mudez abstracta e contemplativa, na expectação d'esse cortejo sinistro e simultaneamente bello.

Era a imagem descarnada e nua da vida: sem a mascara das apparencias enganosas e das fraudulentas e cruéis traficancias,

Subiu-me do coração aos olhos uma nuvem carregada de tristeza.

E, do silencio amargo d'este exilio, a minha alma conversou com a sua, na confidencia intima e sincera de mil dôres e torturas.

Lembra-se d'aquellas noites de luar formoso em que me escutou lamentos afflictos e ouviu suspiros cruciantes ao meu coração angustiado?

Ainda sente o calor das lagrimas que me viu chorar, no delirio cruel d'uma febre desesperadora?

Não tornei a chorar mais desde então; e não é porque a dôr não ande dia e noite a cavar-me no peito a fonte de lagrimas.

Talvez inda seja mais duro agora este martyrio, mas nelle sinto prazer e neste prazer a suprema consolação da minha vida.

Do passado, que me enterrou no coração espinhos venenosos e malditos, tenho uma lembrança muito escura, que ás vezes me dá a sensação dolente e contristada d'um intimo arrependimento.

Sou feliz!

Ah! sou feliz, sim, nesta doce tranquillidade d'espirito que me embriaga deliciosamente, carinhosamente,

Mas, quem pode fiar-se neste socego bedito e salutar, se a vida é um oceano continuamente agitado pelos ventos da inconstancia?

Permanecer inalteravel no meio das ondas d'este mar bravo é impossivel, de certo.

E' condição imprescriptivel da natureza humana este vaivem continuo de affectos e sensações. Ainda seria talvez possivel a serenidade permanente da paz, se o nosso coração tivesse um completo desprendimento de si proprio, na abnegação mais nobre e digna.

Mas onde se encontra um coração que não tenha a offuscar-lhe o esplendor da bondade o sombrio véo do egoismo, a repugnante e miseravel tyrania que tantas flores murcha e tantos sonhos mata á alma ingenua e crente!

Sou feliz!

Mas não confio nesta felicidade, que a felicidade, na terra, é passageira como um sonho de que ás vezes temos um despertar pungentissimo e descarnavel.

Sou feliz!

Mas não descanso nesta felicidade, porque seria adormecer nos braços da traição.

Sou feliz!

Mas ando sempre com receio da tempestade, sempre a olhar para o céu, a ver quando se apaga a luz bonançosa e pacifica d'esta ventura enebriante.

Sou feliz!

Mas sinto em redor de mim um murmuro de prantos, um tumulto do dôres, uma

confusão de lamentos. E' a humanidade cansada de soffrer, no seu estertor de penas e martyrios, a voz rouca e afflicta. E o meu coração abre-se na aspiração ardente do bem-fazer, os braços distendem-se num ansioso abraço de confortos e as mãos num suspirado espargimento de balsamos.

Sou feliz porque não sou egoista e porque aborreço quem vae atraz do interesse, com riso impiedoso nos labios; mas partilho da infelicidade dos outros e soffro desoladamente na impossibilidade de não ter um raio de alegria para cada tristeza e uma gotta de balsa- mo para cada magua alheia.

Seu do coração,
SILVA GONÇALVES.

ORAÇÃO

Oh! anjo meu celeste d'alma meiga e pura,
Oh! santa a quem adora em extases d'amor,
Abranda no meu peito a pena d'esta dôr,
Socega na minh'alma a dôr d'esta amargura!

Concede ao infeliz a luz do teu olhar,
As per'las sagradas do teu sorrir celeste,
Que para te pagar o bem que me fizeste
Dar-te-hei o meu amor, immenso como o mar.

Destroe-me em minh'alma o mal que me tortura,
Tão triste como a dôr, tão fundo como o mar,
— Alma feita de luz, luz feita de luar—
Oh! anjo meu celeste, d'alma meiga e pura!

Guimarães, 28—III—901.

SILVIO.

CHRONICA DE COIMBRA

Um passeio a Lavos

—“Então, não querem descansar na mi-
nha modesta habitação? Não fica longe”.

—“Agradecemos muito, sr. Prior”.

—“Não façam cerimonia” insistiu o revd.^o
Moura.

—“Não se incomode V. Rev.^a compos-
co. Vamos passear por ali fóra, pois o dia,
apezar de quente, a isso convida” disse o
Jorge.

—“Queira V. Rev.^a dar-nos as suas or-
dens” e apertei-lhe a mão.

—“Bem. Já que não querem utilizar-se
agora dos pequenos serviços d'este seu humil-
de creador, espera que noutra occasião me con-
cederão a satisfação de acceder ao meu sin-
cero convite. Muitas recommendações ao sr.
José Lopes e, se me fôr possível, ao fim da
tarde lá irei pagar-lhes a amavel visitinha”.

—“Dá-nos V. Rev.^a com isso muito pra-
zer”.

E apartamo-nos.

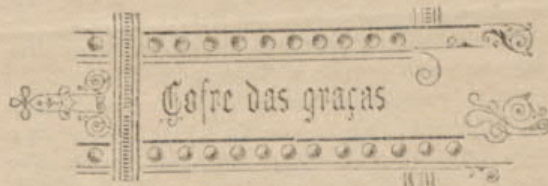
—“Meu tôlo!” ralha-me o Manoel, dados
que foram uns dez passos. “Porque não accei-
taste?”

—“Ora, é boa! Elle não insistiu mais...”

E fômos discutindo o caso animadamen-
te... mas sem nos zangarmos.

Guimarães, 5—2—1901.

(Continuaré)
FERALDO FLAVIO.



Faz annos a ex.^{ma} sr.^a:

Dia 11—D. Etelvina da Natividade Dias
de Castro.

E as ex.^{mas} sr.^{as}:

Dia 11—Dr. Joaquim José Gonçalves
Teixeira de Queiroz.

» » —José Antonio Meirelles de Cam-
pos Henriques.

Notas intimas

DESEJAMOS AS

Boas-festas

A todos os nossos estimados assignantes,
presadissimos collaboradores
e suas ex.^{mas} familias

De visita a seu extremoso pae, o sr.
Francisco José Ferreira Ribeiro, que tem es-
tado bastante doente, encontra-se n'esta cida-
de o sr. Domingos Ribeiro, um dos chefes da
casa J. Nunes Corrêa & C.^a, de Lisboa.

Com uma pneumonia tem estado muito
doente, sentindo já algumas melhoras, o sr.
José Corrêa, filho do sr. Manoel Fernandes
da Silva Corrêa activo solicitador do fóro
vimaranense.

Está n'esta cidade com sua ex.^{ma} esposa
o sr. Dr. José Cardoso, filho dos illustres con-
des de Margaride.

Casos e Occurrencias

Endoenças

Na quinta-feira de tarde sahio da igreja
da Misericordia a procissão do «Écce-Homo»,

visitando algumas egrejas que se achavam vistosamente adornadas.

Na Igreja da I. e R. Collegiada decorreram com o ritual e brilho costumados as festas da Semana Santa.

Em trajes nobres, os nossos Conegos, libertos n'estes dias dos deveres d'escuela, occupavam, a primor, suas cadeiras, presidindo ás solemnidades dia a dia, e é incontestavel que o *claustru pleno coral*, em vestes de gala, impri-me aos actos cultuaes da *Hebdomada Major* um cunho especial de magestade.

A sexta-feira Santa fez acendir ao templo da Oliveira enorme multidão. Achava-se lá o que de mais distincto e mais illustre se sabe n'esta terra. E' que, de facto, a tão suggestiva *Adoração da Cruz*, a commoventíssima Procissão do Enterro e o Sermão final são a *great attraction* do mundo Vimaranesense n'este dia.

A' uma hora, findas as ceremonias todas, subiu ao pulpito o Venerando D. Prior da Collegiada.

Havia por ouvil-o uma anciedade enorme, justificada.

Reputado homem de vasto saber e boa eloquencia, esperava-se que o seu sermão do Enterro de Jesus ia ser condigna corôa da festividade. Sabia-se que S. Ex.^a cultivara, em annos mais verdes o pulpito, que publicara mesmo um apreciado volume de discursos sacros, mas ninguém em Guimarães o tinha ouvido como orador sagrado. En'esta ancia accorreu á Senhora da Oliveira multidão enorme e os amadores das boas lettras.

Ninguém, cremol-o, houve por perdido seu tempo.

Nós não fomos dos mais felizes para apreciar-o, porque nos coube logar de más condições acusticas e a voz do orador não é possante. Figura imponente e magestosa, sim, mas servida por uma voz um tanto debil. Talvez este o unico senão.

Pelo que, porém, pudemos observar e cá fóra, ouvir, o illustre prégador, sem se preocupar com as pretensões de certa oratoria que tende a fazer do pulpito *sómente delicias d'ouvidos*, e desprendendo-se d'arrebiques impertinentes, deu á sua oração a forma rigorosa d'um Discurso Sacro esmerado na dicção, profundo no conceito, salutar nos ensinamentos, e ajustado ao assumpto. Mil parabens.

Hospital da Misericordia

O movimento de doentes no hospital da Santa Casa da Misericordia, no mez de março findo, foi o seguinte :

Existiam 53 homens e 56 mulheres; entraram 58 homens e 84 mulheres; sahiram 58 homens e 64 mulheres; falleceram 3 homens e 2 mulheres; ficaram existindo 36 homens e 68 mulheres.

JARDIM PUBLICO

A banda regimental executará hoje, se o tempo o permitir, da 1 ás 3 horas da tarde, o programma seguinte :

Primeira parte

Hymno Nacional.
Amor de Mulher—Mazurka—Nicolau.
Favorita—Pot-pourri—Donizetti.
Les caresses du Printemps—Calvini.

Segunda parte

Walsa—Polka—Miguel Angelo.
Mignon—Grande Fantazia—A. Thomaz.
Devaneios—Polka—Moraes.
Aos Bellos Amadores—Ordinario.**

Sagrado Viatico

Amanhã, 8 do corrente, sahirá da egreja da Real Collegiada a procissão do Sacramento aos entrevalos da freguezia e aos presos da cadeia civil d'esta cidade, percorrendo o itinerario seguinte : Largo da Oliveira, rua de Nossa Senhora da Guia, ruas Nova do Comercio, d'Alcobaça, S. Paio, Lamellas, Praça de S. Thiago, Rua de Santa Maria, Serpa Pinto, Santa Cruz, Campo do Salvador, rua da Arcella, Conde D. Henrique, Largo do Martins Sarmiento, ruas de D. Luiz 1.^o, Val de Dous, Largo de Franco Castello Branco e rua da Rainha. Este acto revestirá a maxima pompa, conduzindo a Sagrada Pyxide o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dom Prior.

Espectaculo

Na noite de 14 do corrente, realisar-se-ha no theatro D. Affonso Henriques, d'esta cidade, um espectaculo em beneficio d'um chefe de familia, no qual toma parte, por especial obsequio ao beneficiado, a distincta troupe dramatica Espozendense.

Subirão á scena as chistosas comedias — *Um homem politico* em tres actos, e *Um fura vidus*, em um acto, assim como será desempenhada pelo ex.^{mo} sr. José Abreu a cançoneta comica — *O Thio Bernardino*.

O beneficiado é digno de que o publico vimaranense e auxilie, e é de esperar que assim aconteça.

A troupe Espozendense, já muito conhecida, hade tornar-se credora dos applausos do nosso publico, que não sabe regateal-os a quem os merece.

Preços da casa.

Movimento de prezos

O movimento dos prezos nas cadeias d'esta cidade, no mez de março findo, foi o seguinte :

Existiam 11 homens e uma mulher; entraram 5 homens; foram soltos 3 homens; ficaram existindo 13 homens e uma mulher.

Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães

Os accionistas d'esta companhia, segundo o relatorio que foi approved, devem receber 8 por cento de dividendo relativo ao anno de 1900.

Sociedade Martins Sarmiento

Continuação da subscrição promovida para o augmento do edificio:

Transporte	2:352:3350
Manoel Fernandes da Silva Corrêa	15000
Antonio Mariño de Castro Falcão (Londrada)	55000
Antonio José de Passos	25000
Jeronymo de Castro	15000
Padre Gaspar da Costa Boriz	55000
José Joaquim da Silva Guimarães	55000
José de Castro Guimarães	15000
Manoel José da Silva Costa	15000
D. Rosa A. Carmo Dias	15000
Antonio Dias da Silva	15000
Domíngos da Silva Gonçalves	25500
Albino Pereira Cardoso	15000
Camillo Laranjeira	15000
Joaquim José Rodrigues Guimarães (Lisboa)	255000
José Maria Leite Junior	25000
Bento José Leite	55000
A	15000
José Maria Martins Ferreira	25000
Antonio Martins Pinto da Cunha	15000
Antonio José da Silva Ferreira	15000
Major Bernardo Osorio	15000
Padre Manoel Duarte Goja	500
Francisco Jacintho	500
João José da Cunha Monteiro	300
Dr. Hemiterio Borges de Almeida (Porto)	500
Francisco José Ferreira	700
José Pinheiro da Costa	500
Vicente de Souza Neves	100
Gervasio Antonio Pinto	25000
Amibal Vasco Leão, Esposa e Mãe	155000
Joaquim Alfredo Ferreira Leite	25500
Padre José Ferreira Leite	25000
João Ribeiro Jorge	105000
Barão de Pombeiro	205000
Manoel Bento Ribeiro	15000
Antonio Teixeira da Silva Araujo	25000

Somma 2:477\$500

A MEMORIA

Preço da assignatura

Cada trimestre (sem estampilha)	300
» » (com estampilha)	350
Numero avulso	50
Annuncios, reelames communicados na 6. ^a , 7. ^a e 8. ^a paginas, linha	40

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Albano Pires de Sousa, rua da Rainha n.º 120.

ANNUNCIOS

CITAÇÃO-EDITAL

(2.^a publicação)

NO Juizo de Direito d'esta comarca e pelo cartorio do escrivão abaixo assignado, a requerimento do Doutor

Delegado do Procurador Regio n'esta mesma comarca, como representante do Ministerio Publico, correm editos de 30 dias, que começarão a contar-se da ultima publicação d'este annuncio, a citar Francisco Xavier das Neves Pereira, ausente em parte incerta, para no praso de 10 dias, depois de findo o dos editos pagar a importancia de 48\$972 reis, de custas judiciaes contadas e em divida no processo de acção d'alimentos provisórios que contra elle e contra sua mulher D. Josefina d'Oliveira Freitas, da freguezia de S. Pedro de Polvoreira, d'esta dita comarca, promoveram seus filhos José de Freitas Neves Pereira, 1.^o cabo de infantaria n.º 13, Francisco de Freitas Neves Pereira, estudante, e D. Josefina Carmina de Freitas, todos solteiros e maiores actualmente residentes no logar do Paço, da mesma freguezia de Polvoreira, ou, no mesmo praso, nomear bens á penhora, sob pena de se devolver o direito de nomeação ao dito Magistrado do Ministerio Publico e de proseguir a execução os seus termos regulares pela mencionada importancia e custas que accrescerem.

Guimarães, 29 de março de 1901.
Verifiquei,

Fernandes Braga.

O escrivão,

José Joaquim d'Oliveira.

JOAQUIM LOPES DE OLIVEIRA ADVOGADO E NOTARIO COM ESCRITORIO

NA

Praça Martins Sarmiento,
(largo do Carmo) 55.

Aos photographos e amadores
Chapas photographicas

POMADA MARAVILHOSA

Cura chagas de qualquer especie; remette-se pelo correio em caixas de 500 reis e porções de 250 e 120 réis.

Dividando do bom resultado, páde pedir-se, que será gratuitamente remettida, uma pequena amostra para experiencia.

Deposito drogaria Cunha Mendes, rua da Rainha.

ARMAZEM DE VINHOS

DE
RODRIGUES PINHO & C.^o

Villa Nova de Gaya

DEPOSITARIO EM GUIMARÃES

Albano Pires de Sousa
120—RUA DA RAINHA—122

Vinhos garantidos

(Preço sem garrafa)

Vinho Sande, garrafa (*)	100
» Meza	200
» Sol	250
» Falerno	300
» Legitimo Secco	300
» Moscatel	400
» D. Luiz	500
» Generoso	800
» Branco Generoso	140
» Reserva	18400

(*) *Este vinho escrupulosamente escolhido e engarrafado, é sem duvida o mais nutritivo e saudavel de todos que até hoje tem sido expostos á venda, podendo ser analysado por quem assim o entender, para se convencer da sua pureza e excellente qualidade, por que respondemos.*

N'este deposito fazem-se bons descontos aos srs. revendedores.

TYPOGRAPHIA

DE
ALBANO PIRES DE SOUSA
ANTIGA SILVA CALDAS

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mapas, memoranduns, acções, cheques, envelopes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.
Carimbos de borracha, metal e madeira.